



BOTAR O FILHO NA ESCOLA: OS VERBOS *BOTAR* E *COLOCAR* NO FALAR DE FORTALEZA-CE¹

BOTAR THE SON TO SCHOOL: THE VERBS *BOTAR* AND *COLOCAR* IN THE SPEECH OF FORTALEZA-CE

Camilo Murilo Alves de Lavor², Aluiza Alves de Araújo³

Rakel Beserra de Macedo Viana⁴

RESUMO

Abordamos, nesta pesquisa, a variação entre *botar* e *colocar* no falar popular de Fortaleza - CE, em tempo aparente, com sentido de *acomodar, matricular, prender e denunciar*. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisamos o efeito de variáveis linguísticas (*traço semântico e animacidade do objeto, (in)determinação do sujeito, papel do falante, tópico discursivo*) e extralinguísticas (*sexo, faixa etária e escolaridade*) no uso do verbo *botar*. Para a realização desta, selecionamos dados de fala extraídos do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), utilizando apenas o tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador). O programa GoldVarb X contabilizou 102 ocorrências, sendo 72 (70,6%) para *botar* e 30 (29,4%) para *colocar*. Foram selecionadas como relevantes, para o verbo *botar*, os grupos de fatores *escolaridade, faixa etária, tópico discursivo e papel do falante*, nessa ordem. Constatou-se que as mulheres usam mais o verbo *botar*, com 78,6%, do que os homens, com 60,90%.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista; NORPOFOR; *botar*; *colocar*.

ABSTRACT

In this research, we approached the variation between *botar* and *colocar* in the popular speech of Fortaleza - CE, in apparent time, with the sense of accommodating, enrolling, arresting and denouncing. Based on the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics, we analyzed the effect of linguistic (semantic trait and object animacy, (in)determination of the subject, speaker's role, discursive topic) and extralinguistic (gender, age and education) variables on use of the verb to *botar*. To carry out this, we selected speech data extracted from the NORPOFOR database (Oral Norm do Portuguese Popular de Fortaleza), using only the type of record DID (Dialogue between Informant and Documenter). The GoldVarb X program counted 102 occurrences, 72 (70.6%) for putting and 30 (29.4%) for placing. The groups of factors schooling, age, discursive topic and role of the speaker were selected as relevant for the verb to put, in that order. It was found that women use the verb *botar* more, with 78.6%, than men, with 60.90%.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics; NORPOFOR; *botar*; *colocar*.

1 Esta pesquisa está vinculada ao Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPES-CE), coordenado pela professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, docente vinculada à Linha 02 de pesquisa – Multilinguagem, Cognição e Interação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA).

2 Doutorando do PosLA – UECE (Universidade Estadual do Ceará). E-mail: cassio.lavor@aluno.uece.br.

3 Professora Doutora do PosLA – UECE (Universidade Estadual do Ceará). E-mail: aluiza.araujo@uece.br.

4 Doutoranda do PosLA – UECE (Universidade Estadual do Ceará). E-mail: rakel.beserra@aluno.uece.br.

Introdução

[...]

— Que tantas cidades são aquelas, Quindim? — perguntou Emília.

Todos olharam para a boneca, franzindo a testa. Quindim? Não havia ali ninguém com semelhante nome.

— Quindim — explicou Emília — é o nome que resolvi botar no rinoceronte.

— Mas que relação há entre o nome Quindim, tão mimoso, e um paquiderme cascudo destes? — perguntou o menino, ainda surpreso.

— A mesma que há entre a sua pessoa, Pedrinho, e a palavra Pedro — isto é, nenhuma. Nome é nome; não precisa ter relação com o “nomado”. Eu sou Emília, como podia ser Teodora, Inácia, Hilda ou Cunegundes. Quindim!... Como sempre fui a botadeira de nomes lá do sítio, resolvo batizar o rinoceronte assim — e pronto! Vamos, Quindim, explique-nos que cidades são aquelas. (LOBATO, 2008, p. 8-9).

O fragmento introdutório foi retirado do livro *Emília no país da gramática*, obra publicada, originalmente em 1934, por Monteiro Lobato. No fragmento, constatamos o uso do verbo *botar*, logo no primeiro capítulo, em duas situações na fala da boneca Emília. Nada de especial, a não ser a curiosidade de entender as motivações que levaram Monteiro Lobato a escolher o verbo *botar* em detrimento de *colocar*, isso há 87 anos. Por outro lado, vemos com estranheza o uso de *botar* por Lobato, por tratar-se de um escritor renomado e conhecido pela sua polidez discursiva. No entanto, o uso desse verbo na fala da boneca se justifica quando temos conhecimento de que, de acordo com a obra do autor, a personagem Emília, ou torneirinha de asneiras, é retratada como alguém sem filtros, que está aprendendo a falar e, por isso mesmo, fala “errado”⁵ ou faz uso de muitos neologismos, além de sua rebeldia e malcriação, é claro. Tal situação nos leva a reflexões sobre o uso do verbo *botar* pelo autor, pois fica clara a intenção de associar o uso desse verbo às pessoas pertencentes a determinado grupo, ou extrato social.

Ademais, acreditamos, assim como Orlandi (2009, p. 187), que a “[...] língua não é apenas um instrumento a serviço da comunicação, ela é, entre outras coisas, um lugar de poder [...]”. Logo, podemos inferir que há muito tempo o uso do verbo *botar* já estava associado a pessoas com pouca educação ou mal educadas, como o caso da boneca, que é grosseira e está começando seu aprendizado sobre a norma culta e de prestígio da língua portuguesa.

5 O termo empregado não representa a concepção dos pesquisadores a respeito da variação, e sim, a concepção das personagens que usam esse termo para definir a fala da boneca Emília, ou seja, uma concepção do senso comum.

Ainda hoje, século XXI, constatamos que o senso comum⁶ atribui ao verbo *botar* o valor de *errado* ou *popular*, mesmo não havendo amparo em nenhuma gramática ou *dicionário da língua portuguesa*. Além disso, as pesquisas realizadas sobre a variação entre *botar* e *colocar* têm demonstrado que aquele é o mais frequente em todas as comunidades pesquisadas, de Norte a Sul do Brasil. De acordo com Batoréo e Casadinho (2009), no português Europeu, doravante PE, o verbo *botar* é usado para fins específicos ou para usos regionais e/ou populares, diferentemente do português do Brasil, doravante PB, onde o verbo é altamente produtivo, parecendo não haver consciência de sua diferença de produtividade, pois, além de muito frequente, o verbo também faz parte de muitas expressões idiomáticas.

O fato é que algumas pesquisas demonstram o fenômeno da variação linguística entre *botar* e *colocar* no PB, a saber: Lavor, Araújo e Viana (2020), Araújo, Lavor e Pereira (2020), Lavor, Vieira e Araújo (2019); Lavor e Araújo (2019); Lavor, Viana e Araújo (2019); Lavor, Araújo e Viana (2018); Carmo e Araújo (2015); Chaves (2014); Barreto, Oliveira e Lacerda (2012); Araújo (2011); e Aguilera e Yida (2008). É preciso registrar que esses trabalhos não indicaram haver mudança em progresso, mas demonstraram uma maior frequência de uso do verbo *botar* em comparação com seu concorrente *colocar*. Além da variação, ficou comprovada a grande produtividade desses verbos, principalmente de *botar*, que age como um verbo coringa, em função da quantidade de sentidos semânticos que podem, conforme Lavor (2018), chegar a um total de 110.

Aqui, neste trabalho, optamos pela análise da variação entre as variantes *botar* e *colocar* no sentido de *acomodar*, *matricular*, *prender* e *denunciar*, diferentemente de outras pesquisas, que controlavam os verbos apenas com o sentido de *pôr*⁷. Vejamos, nos excertos 1, 2, 3, 4, 5 e 6, como a variação entre os verbos sob análise se processa na fala de fortalezenses sem nível superior de escolarização, a partir de um recorte das amostras do banco de dados do Projeto Norma do Português Oral Popular de Fortaleza - NORPOFOR, usado para formar o *corpus* desta pesquisa.

6 O senso comum, segundo Fonseca (2002, p. 10), “[...] surge instintivo, espontâneo, subjetivo, acrí-tico, permeado pelas opiniões, emoções e valores de quem o produz”. Quanto às constatações feitas por nós acerca dos valores sociais atribuídos aos verbos estudados, pontuamos que elas foram construídas, basicamente, por meio de diálogos e questionamentos informais feitos aos nossos colegas de profissão, alunos em sala de aula e demais pessoas em nosso cotidiano.

7 Cabe pontuar que até a Dissertação de Lavor (2018), todas as pesquisas sobre a variação entre os verbos *botar* e *colocar* consideravam apenas o sentido de *pôr*. Então, Lavor (2018) passou a considerar todos os sentidos semânticos atribuídos a esses verbos a partir do controle da variável linguística Sen-tido Materializado pelo Verbo, fato que tornou possível pesquisas como esta. Logo, nesta, não fizemos rodadas ternárias (*botar*, *colocar* e *pôr*), ou seja, não controlamos o verbo *pôr*.

- (01) ... ele usava pegava a espada de outra pessoa botava⁸ na outra mão pra se defender e () com a outra ((buzina)) () notou o que ele podia fazer sabe?... (DID, INQ. 32, NORPOFOR)⁹
- (02) o monitor... () dentro... se você se você colocar¹⁰ o computador num local... abafado... o ar que ele vai circular já vai ser o ar quente... (DID, INQ. 76, NORPOFOR).
- (03) ... ela disse que ia me botar¹¹ ali nos padre... pra mim estudar ali nos padre... porque tem um amigo dela o seu (DID, INQ. 36, NORPOFOR).
- (04) ... apareceu uma vagazinha assim... de computação pra ela... eu coloco ¹²... pra ela... ganhar um futuro melhor na vida dela... (DID, INQ. 104, NORPOFOR).
- (05) ... uma vez ele tava num andaime andaime é coisas que a gente bota assim pa pa botar¹³ os anel pa puder subir pa fazer alguma coisa lá em cima ou pintar... DID, INQ. 47, NORPOFOR).
- (06) ... tem que ir pra cadeia pra pagar o que faz... não botar¹⁴ é:: é simples () pra ele dizer NÃO eu não roubei porque:: não tem mas tendo ele entra pra cadeia... (DID, INQ. 46, NORPOFOR).

Os excertos apresentados não deixam dúvidas da produtividade dos verbos analisados, basta observarmos a variedade semântica que eles apresentam na fala do fortalezense. É preciso registrar que, para esta pesquisa, as expressões idiomáticas não foram controladas.

Neste estudo, analisamos os fatores linguísticos, *tópico discursivo*, *traço semântico e animacidade do objeto*, *determinação do sujeito e papel do falante*, e os extralinguísticos, *sexo*, *faixa etária*, *escolaridade*, que acreditamos condicionarem a realização do verbo *botar* em detrimento de *colocar*, e observamos se há alguma possibilidade de mudança em progresso no sentido de *botar* suplantando *colocar*. Além do controle das variáveis aqui elencadas, entendemos a variante *colocar* como padrão, ou de maior prestígio social e *botar* como não padrão, ou de menor prestígio social¹⁵. Assim, acreditamos que as variantes padrão são, grosso modo, as formas que mais se aproximam das variedades cultas da língua. Por outro lado, as variantes não padrão costumam se afastar dessas variedades, conforme Coelho et al. (2015).

8 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: acomodar, conforme Lavor (2018).

9 DID (Dialogo entre Informante e Documentador) é o tipo de registro usado na pesquisa; INQ. é o número do registro feito na gravação das entrevistas; NORPOFOR é banco de dados usado.

10 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: acomodar, conforme Lavor (2018).

11 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: matricular, conforme Lavor (2018).

12 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: matricular, conforme Lavor (2018).

13 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: prender, conforme Lavor (2018).

14 Sentido traduzido pelo verbo na sentença: denunciar, conforme Lavor (2018).

15 Uma variante, em geral, adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de status considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior (MONTEIRO, 2000, p. 64).

Tomando como fato a coocorrência de *botar* e *colocar* na fala do fortalezense, levantamos algumas questões iniciais: 1) como os verbos *botar* e *colocar* se apresentam na fala popular do fortalezense?; 2) o que motiva a escolha, no momento da fala, por uma dessas formas verbais concorrentes, aplicadas com o mesmo valor de verdade e no mesmo contexto social?; 3) a realização dessas formas verbais, na fala popular do fortalezense, trata-se de uma variação estável ou podemos observar alguma mudança em progresso no sentido de *botar* suplantando *colocar*?

Definida nossa motivação e justificativa, nosso objetivo e questionamentos, cabe pontuar que buscamos, na literatura investigada, suporte na formação das variáveis controladas e das hipóteses¹⁶, que devem ser confirmadas ou refutadas.

Usamos esta seção para apresentarmos como os verbos *botar* e *colocar* são tratados na sociedade brasileira, principalmente o valor atribuído ao verbo *botar*. Explanamos, ainda, sobre os resultados apresentados pelas pesquisas variacionistas no PB. Além disso, apresentamos nossos objetivos, motivações e justificativas, e os questionamentos que nos direcionam para a realização da mesma.

Continuaremos, na seção seguinte, com um breve relato sobre a teoria Variacionista e os caminhos traçados pela mesma nas últimas décadas. Seguiremos com mais uma seção, onde resenhamos, entre os trabalhos realizados sobre a variação entre os verbos sob análise, apenas aqueles, que como esse, foram feitos a partir de um recorte da Dissertação de Mestrado de Lavor (2018). Em seguida defendemos a natureza da pesquisa e os principais passos adotados na Metodologia, apresentando as hipóteses desta pesquisa, para em seguida apresentarmos, em gráficos e tabelas, os resultados estatísticos oferecidos pelo programa computacional, GoldVarb X¹⁷, analisando-os à luz da teoria da variação e mudança linguística. Por fim, encerramos com nossas considerações finais e referências utilizadas.

A Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística Variacionista ficou conhecida no mundo a partir das pesquisas de William Labov, na década de 1960, que, entre outras coisas, formulou princípios teórico-metodológicos, usados até hoje nos estudos sobre variação e mudança linguística. Segundo esses princípios, os fenômenos variáveis da língua não ocorrem caótica e desordenadamente, mas podem ser sistematizados, uma vez que fatores linguísticos e sociais condicionam e explicam o uso de uma ou outra variante nos processos de variação (LABOV, 2008).

16 As hipóteses desta pesquisa estão inseridas na seção destinada à Metodologia da pesquisa.

17 Em síntese, o GoldVarb X, é um conjunto de programas computacionais para análise estatística de dados linguísticos (SCHERRE, 2012). Na metodologia dispomos mais informações sobre esse programa, ou visite a página: mas se pode <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

O certo é que, de tempos em tempos, novos conhecimentos são construídos e outros são desconstruídos ou desmistificados a partir de novas abordagens, como é o caso da abordagem quantitativa e estatística, natureza que torna os estudos variacionistas de grande relevância para as pesquisas contemporâneas. A partir dessa nova concepção de estudos, a relação entre língua e sociedade passou a ser encarada como indispensável, e não somente mero recurso interdisciplinar.

A Sociolinguística Laboviana, como é mais conhecida, defende que há fenômenos variáveis em todos os níveis de análise da língua, não apenas no nível fonológico, como esta pesquisa que analisa a variação lexical. E afirma que são as variáveis, que apresentam variantes, formas distintas e concorrentes de dizer a mesma coisa, portanto, possuem um mesmo conteúdo representacional, motivadas por fatores internos e externos à língua.

Ao estudarmos a língua, no seio de uma comunidade de fala, baseamo-nos no entendimento de que essa é um conjunto estruturado de normas linguísticas e sociais “usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros” (LABOV, 2008, p. 215).

Em conclusão, após essa breve explanação sobre o contexto histórico e origem da metodologia aplicada aos estudos variacionistas, defendemos que este estudo, que versa sobre a variação em tempo aparente das formas verbais *botar* e *colocar* na fala popular do fortalezense, está em consonância com o pensamento reproduzido por Labov (2008).

Na próxima seção, apresentamos os trabalhos, assim como este, que fazem parte de um recorte da dissertação de mestrado de Lavor (2018), e que nos servem como inspiração na conclusão de nossas análises.

Os verbos *botar* e *colocar* em amostras do NORPOFOR

Nesta seção, levando em consideração que todos as pesquisas realizadas sobre os verbos em questão contribuíram de forma significativa na construção deste trabalho, optamos por resenhar, entre essas pesquisas, apenas aquelas realizadas a partir de dados extraídos do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), e definidas como recorte da pesquisa de Lavor (2018). Logo, resenhamos três pesquisas: Lavor e Araújo (2019), Lavor, Araújo e Viana (2020) e Araújo, Lavor e Pereira (2020).

Na pesquisa de Lavor e Araújo (2019), a amostra foi composta por 72 informantes do tipo de registro DID (Diálogo entre Informante e Documentador), estratificadas em *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*, o que gerou as variáveis sociais controladas. Já as variáveis linguísticas foram: *traço semântico* e *animacidade do objeto*, *(in) determinação do sujeito*, *papel do falante*, *sentido materializado pelo verbo na sentença*, e *tópico discursivo*. Foram coletadas 664 ocorrências, que foram submetidas ao programa computacional GoldVarb X, em uma rodada

binária, usando o verbo *botar* como valor de aplicação. O programa computacional, a partir dos números estatísticos, demonstrou que o verbo *botar*, com uma frequência de 78,5%, é o mais produtivo na amostra analisada em comparação com o verbo *colocar* que apresentou 182 ocorrências totais, ou seja, 21,5%.

No melhor nível de análise, foram selecionados, como favorecedores do verbo usado como valor de aplicação, os grupos de fatores: *tópico discursivo*, no fator *lazer* com PR¹⁸ 0,76, *cotidiano* com PR 0,693, *política local/nacional* com PR 0,650, *problemas sociais/urbanos* com PR 0,609, *recordações* com PR 0,609, *relacionamentos* com PR 0,505, e *vida escolar* com PR 0,503. Os fatores *trabalho* (PR 0,187) e *religião* (PR 0,368) se comportaram como inibidores da regra variável. A *faixa etária III*, com PR 0,61, e *faixa etária II* com PR 0,525 favoreceram o verbo *botar*, já a *faixa etária I*, com PR 0,299, se revelou inibidora do verbo *botar*; no grupo de fatores *escolaridade*, a *escolaridade B* (5 a 8 anos), com PR 0,59, e *escolaridade A* (0 a 4 anos), com PR 0,514, mostraram-se aliadas do verbo *botar*, já a *escolaridade C* (9 a 11 anos), com PR 0,358, comportou-se como inibidora desse verbo; o grupo de fatores *(in) determinação do sujeito* apresentou o fator *sujeito determinado pelo contexto*, com PR 0,52, como aliado e o fator *sujeito Genérico*, com PR 0,405, como inibidor do verbo *botar*.

Em conclusão, o autor defendeu que a variação entre *botar* e *colocar* no falar popular do fortalezense trata-se de uma variação estável, mas sugeriu novas pesquisas em diferentes bancos de dados, já que seu trabalho não foi conclusivo.

A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2020) estuda a concorrência dos verbos *botar* e *colocar*, só com o sentido de *expelir*, *vomitare*, *lançar fora*, *expulsar* e *parir* com dados de fala popular extraídos do NORPOFOR, utilizando 72 informantes do tipo de registro DID. Para a pesquisa sob resenha, os autores controlaram os grupos de fatores linguísticos *tópico discursivo*, *traço semântico* e *animacidade do objeto*, *(in)determinação do sujeito*, *papel do falante* e extralinguísticos *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade*.

As ocorrências, 42 no total, foram submetidas ao programa computacional GoldVarb X, em rodadas binárias, usando o verbo *botar* como valor de aplicação. Em uma primeira rodada, o programa demonstrou que das 42 ocorrências 36 (85,7%) foram para *botar* e 6 (14,3%) para *colocar*. Ainda, nessa rodada, foram detectados 8 nocautes: 1 no grupo de fatores *escolaridade*, no fator *A*, 0 a 4 anos de escolarização, com 100% das ocorrências (14) para *botar*; 2 no grupo de fatores *traço semântico e animacidade do objeto*, no fator – *animado e + concreto*, onde 100% das ocorrências (2) foram para o verbo *botar* e no fator – *animado e - concreto*, com 100% das ocorrências (3) para o verbo *botar*; e 6 nocautes no grupo de fatores *tópico discursivo*, no fator *cotidiano*, com 100% das ocorrências (7) para *botar*, no fator *relacionamento* com 100%

18 PR - Abreviatura para Peso Relativo das variáveis, em que PR < 0,5; PR = 0,5 e PR > 0,5 indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator postulado em uma determinada variável sobre a variante escolhida como aplicação da regra (GUY; ZILLES, 2007).

das ocorrências (3) para *botar*, no fator *religião*, com 100% das ocorrências (4) para *botar*, no fator *vida escolar* e no fator *política local/nacional* com apenas 1 ocorrência, em cada uma, para o verbo *botar*.

Após a retirada dos nocautes, mas mantendo o número de ocorrências totais, o programa manteve os resultados de frequência para *botar* e *colocar* e selecionou os grupos de fatores *tópico discursivo*, apresentando o fator *Recordações* (PR 0,826) como favorecedor do verbo *botar* e o fator *trabalho* (PR 0,006) como inibidor desse verbo, e o grupo de fatores faixa etária, na *faixa etária II*, 26 a 49 anos, (PR 0,899) como favorecedor da regra variável e os fatores *faixa etária I* (PR 0,037) e *faixa etária III* (PR 0,452) como inibidores do verbo *botar*.

A pesquisa de Araújo, Lavor e Pereira (2020) aborda a variação dos verbos *botar* e *colocar*, no sentido de *introduzir um objeto/pessoa, pôr dentro, enfiar, meter, inserir, tomar e engolir*. Para essa pesquisa, foram controlados os grupos de fatores extralinguísticos, a saber: *sexo, faixa etária e escolaridade* e os linguísticos, tais como: *tópico discursivo, traço semântico e animacidade do objeto, (in) determinação do sujeito e papel do falante*.

Em uma primeira rodada, usando o verbo *botar* como valor de aplicação, com 131 ocorrências totais, os números estatísticos, apresentados pelo GoldVarb X, demonstraram que dessas 110 (84,0%) foram para *botar* e 21 (16,0%) foram para *colocar*. Nessa mesma rodada, houve a ocorrência de 5 nocautes: 1 no grupo de fatores *traço semântico e animacidade do objeto*, no fator + *animado* e – *humano*, com 100% das ocorrências (2) para *botar*; 1 no grupo de fatores *papel do falante*, no fator *beneficiário*, com 100% das ocorrências (8) para *botar*; e 3 nocautes no grupo de fatores *tópico discursivo*, no fator *lazer*, com 100% das ocorrências (4) para *botar*, no fator *trabalho*, com 100% das ocorrências (2) para *botar*, 1 no fator *outros*, com 100% das ocorrências (3) para *botar*.

Retirados os nocautes, mas sem alterar o número de ocorrências, o programa manteve os resultados de frequência para *botar* e *colocar*. Além disso, o programa revelou apenas o grupo de fatores *tópico discursivo* como relevante para o uso do verbo *botar*. Esse grupo de fatores apresentou apenas o fator *cotidiano* (PR 0,736) como favorecedor do verbo *botar*, já os fatores *recordações* (PR 0,437), *religião* (PR 0,237), *trabalho* (PR 0,172) e *relacionamento* (PR 0,080) se comportaram como inibidores da regra variável.

A resenha dos trabalhos apresentados nesta seção nos faz considerar que existe um grupo de fatores, *tópico discursivo*, que é muito importante na concorrência entre *botar* e *colocar* na fala popular de fortaleza. Além disso, percebemos que, entre os que compõem esse grupo, os fatores *trabalho* e *religião* são selecionados como inibidores do verbo *botar*, fato que nos leva a considerar que, no momento da entrevista, esses assuntos levam o entrevistado a monitorar mais sua fala, pelo fato de os assuntos tratados os remeterem a situações que, historicamente, estão associadas a uma língua próxima à padrão. Logo, esse grupo merece atenção especial nos trabalhos variacionistas, pois, como lembra Galembeck (2005), o “tópico discursivo pode ser

considerado um dos elementos essenciais na produção da fala e, por conseguinte, dos estudos de língua falada” (GALEMBECK, 2005, p. 278).

A próxima seção dedicamos aos procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa analisa a fala popular fortalezense a partir de dados da oralidade, coletados *in loco*, disponíveis no banco de dados NORPOFOR. Em virtude dos procedimentos adotados na apresentação dos resultados, definimos o caráter desta como quantitativo, por considerarmos apenas o que “pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69), e descritivo, uma vez que esta pesquisa “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Para a concretização desta, tomamos como instrumento de análise a metodologia da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008 [1972]; GUY; ZILLES, 2007; TAGLIAMONTE, 2006), pois essa, ancorada em uma visão descritiva e quantitativa, nos permite realizar estudos que descrevem a realidade das línguas naturais.

O *corpus* com o qual trabalhamos foi formado de uma seleção de entrevistas retiradas do banco de dados NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza), um banco de fala montado entre 2003 e 2006 sob a coordenação da professora Dra. Aluiza Alves de Araújo, objetivando suprir a necessidade de um banco de fala popular fortalezense e que esse “controlasse as variáveis gênero, faixa etária, escolaridade e tipo de registro” (ARAÚJO, 2011, p. 836), ou seja, ele está estratificado em *sexo biológico, faixa etária, escolaridade*¹⁹ e tipo de registro.

O banco de dados em análise conta com três tipos de entrevistas, a saber: Diálogo entre dois Informantes - D2, Diálogo entre Informante e Documentador - DID e Elocução Formal - EF. Essas entrevistas foram realizadas com fortalezenses nativos e residentes nessa capital, e se, por algum motivo, estiveram ausentes dessa localidade, não foi por um período maior que três anos (ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2018b).

19 Nenhum dos informantes que compõe o banco de dados NORPOFOR possui ensino superior. A primeira escolaridade A (0 a 4 anos de escolaridade) contempla tanto informantes que nunca frequentaram a escola quanto os que fizeram o antigo primário (hoje fundamental I), completo ou incompleto. A segunda escolaridade B (5 a 8 anos de escolaridade) é formada por informantes com primeiro grau (fundamental II atualmente) completo ou incompleto, já a terceira escolaridade C (9 a 11 anos de escolaridade) reúne informantes com segundo grau completo ou incompleto, atual ensino médio (ARAÚJO, VIANA, PEREIRA, 2018b).

Nossa intenção é trabalhar com o vernáculo²⁰ fortalezense, então, para que isso fosse possível, optamos por analisar apenas dados do tipo de registro DID do banco de dados NORPOFOR. Assim, das 86 entrevistas que contém esse tipo de registro, selecionamos as 72 que mais apresentaram ocorrências dos verbos sob análise, fato que nos permitiu formar células homogêneas com 4 informantes cada, um número bastante significativo para trabalhos com dados de fala.

Após a audição das 72 entrevistas, selecionamos todas as ocorrências para *botar* e *colocar*, e as codificamos de acordo com o envelope de variação criado a partir da literatura vigente sobre o fenômeno estudado. Os dados, já codificados, foram submetidos à análise estatística- usando o verbo *botar*, entendido como o de menor prestígio social e, portanto, inovador, como valor de aplicação- pelo programa GoldVarb X, uma versão atualizada do Varbrul para Windows (SHERRE, 2012).

Esse programa computacional nos revela, além dos fatores mais relevantes para a ocorrência do fenômeno estudado, um melhor nível de análise para aplicação da regra variável sobre “o número total de ocorrências (mostrando qualquer realização da variável) observadas naquele contexto” (GUY; ZILLES, 2007, p. 42).

Ainda, o programa apresenta as frequências de uso para cada uma das variantes em coocorrência na comunidade estudada, bem como os pesos relativos (PR) apresentados por cada variável controlada, de acordo com Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005).

Para esta pesquisa, a literatura pesquisada nos permitiu, além da formatação das variáveis controladas, a defesa de algumas hipóteses iniciais, que serão confirmadas ou refutadas a partir dos dados estatísticos apresentados pelo programa computacional, são elas:

- 1) a variante *botar* é mais produtiva do que *colocar*, na amostra analisada;
- 2) os homens favorecem *botar*, ao contrário das mulheres que o inibem;
- 3) os mais velhos são aliados do verbo *botar*, opondo-se aos mais jovens e aos adultos que o coíbem;
- 4) os menos escolarizados são aliados do verbo *botar*, diferentemente dos mais escolarizados, que desfavorecem a presença desse verbo;
- 5) o sujeito determinado pelo contexto favorece o verbo *botar*, ao passo que o sujeito genérico o inibe;
- 6) a sentença em que o sintagma nominal é *+animado* e *+humano* beneficia

20 Vernáculo “é a língua primeira adquirida pelo falante, controlada perfeitamente, e usada primordialmente entre amigos íntimos e membros da família” (LABOV, 2006, p. 86). Podemos entender o vernáculo como a fala realizada em situações naturais, usada entre pessoas mais próximas; uma fala despreocupada, quando o indivíduo não presta atenção em como está produzindo as enunciações.

botar, enquanto as demais sentenças (+*animada* e – *humana*, – *animada* e + *concreta*, – *animada* e – *humana*) inibem o uso do *botar*;

- 7) quando o falante está no papel de *agente* ou *beneficiário* da ação verbal, ele privilegia o verbo *botar*, e quando ele é *paciente* ou *experenciador*, o verbo *botar* é desfavorecido;
- 8) dentre os *tópicos discursivos*, o fator *trabalho* inibe o uso do verbo *botar*, ao contrário do fator *recordações*, que favorece o seu uso;
- 9) a alternância dos verbos *botar* e *colocar* representa um caso de variação estável.

A seção a seguir mostrará a descrição e análise dos resultados obtidos com os dados coletados.

Descrição dos dados e análise dos resultados

A pesquisa sobre a variação entre *botar* e *colocar* na fala popular do fortalezense, inicialmente, contou com um total de 846 ocorrências, 664 (78,5%) para *botar* e 182 (21,5%) para *colocar*. No entanto, para este recorte, selecionamos as ocorrências que continham apenas os sentidos expressos de *matricular*, *acomodar*, *prender* e *denunciar*.

Assim, trabalhamos com um total de 102 ocorrências totais, das quais o GoldVarb X demonstrou que 72 (70,6%) são para o verbo *botar* e 30 (29,4%) são para o verbo *colocar*.

Em uma rodada inicial, binária, o programa apresentou 4 nocautes: 2 nocautes no grupo de fatores *papel do falante*, no fator *beneficiário* da ação do verbo, com 100% das ocorrências (3) para o verbo *botar*, e no fator *paciente* da ação do verbo, também com 100% das ocorrências (9) para o verbo *botar*; e 2 nocautes no grupo de fatores *tópico discursivo*, no fator *cotidiano*, com 100% das ocorrências (19) para o verbo *botar* e no fator *outros*, com apenas uma ocorrência total para o verbo *colocar*.

O fator cotidiano foi amalgamado com algumas ações verbais nas quais o falante usou o verbo para falar de situações corriqueiras do seu dia a dia, como no excerto 07 e 08 retirado de nossa amostra.

(07) ... aí ele pegou... botou uma manga... ... tirou uma manga lá... lá do coisa... e botou dentro do saco... e me deu... (DID, INQ. 36, NORPOFOR).

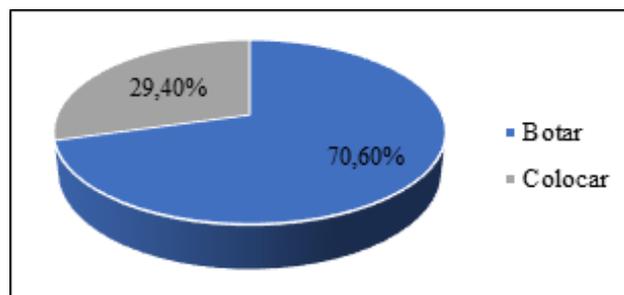
(08) ... nem pergunto nada da vida de ninguém:: nem (me admiro) nem conto nada da minha vida né eu sou... o que conversar... o que eu gostar eu boto pra frente (se não for... ali eu faço só ouvir) (DID,INQ.36, NORPOFOR)

Para sanarmos o problema dos nocautes, optamos por desprezarmos esses dados com nocautes, sem os eliminarmos.

Após isso, fizemos mais uma rodada, onde o programa manteve as 102 ocorrências totais.

Vejam, no gráfico 1, os resultados de frequências.

Gráfico 1 – Frequências de *botar* e *colocar* com sentido de *matricular, acomodar, prender e denunciar* na amostra analisada



Fonte: elaborado pelos autores

O Gráfico 1 revela que o verbo *botar*, no sentido de *matricular, acomodar, prender e denunciar*, é o mais frequente na fala popular fortalezense em detrimento de seu concorrente, *colocar*. Fato que confirma nossa primeira hipótese, afinal, já esperávamos que a variante *botar*, tida como não padrão, ocorresse com uma frequência maior que a variante padrão, nesse caso, o verbo *colocar*. Sobre essa assertiva, lembramos que, dentre os estudiosos da linguagem, nos parece consenso a ideia de que as variedades populares, frequentemente, se mostram mais sensíveis ao uso de variantes tidas como não padronizadas (BORTONI-RICARDO, 2004; LUCCHESI, 2012, FARACO; ZILLES, 2017).

Os números estatísticos apresentados levam à reflexão sobre a realização do verbo *botar*, pois, como apresentado, ele é considerado, como o de menor prestígio social e, no entanto, ele continua sendo o mais frequente e com uma diferença muito grande (41,2%) em relação à variante de maior prestígio, *colocar*.

Então, o que leva o senso comum a atribuir um juízo de valor a esse verbo, tomando-o como popular ou errado, quando todas as pesquisas realizadas defendem-no como o mais frequente em todas as comunidades de Norte a Sul do Brasil? Essa é uma questão que esses números não permitem responder, mas que carece de mais pesquisas, de crenças e atitudes linguísticas, especificamente, para que possamos, no futuro, responder a essas indagações.

As pesquisas, aqui resenhadas, apresentam resultados semelhantes aos apresentados nesta seção, vejamos: Lavor e Araújo (2019), 78,5% para *botar* e 21,5% para *colocar*; Lavor, Araújo e Viana (2020), 85,7% para *botar* e 14,3% para *colocar*; Araújo, Lavor e Pereira (2020), 84% para *botar* e 16% para *colocar*. Como podemos perceber, a frequência de uso do verbo *botar* é muito superior em todos os trabalhos elencados.

Além dessas frequências de uso, o programa computacional, em seu melhor nível de análise²¹, selecionou os grupos de fatores *escolaridade, faixa etária, tópico discursivo e papel do falante*, nesta ordem de importância, como relevantes para a aplicação da regra variável.

²¹ input 0,796 e significance 0,020.

Seguiremos apresentando os resultados para os grupos selecionados. Além desses grupos, decidimos apresentar os resultados de frequência para a variável social *sexo*, em virtude de sua importância para os estudos sociolinguísticos.

Tabela 1 – Atuação da variável *escolaridade* para o verbo *botar*

Fatores	Aplic./Total	%	PR
A (0 a 4 anos de estudo)	28/34	82,4%	0,514
B (5 a 8 anos de estudo)	33/34	97,1%	0,861
C (9 a 11 anos de estudo)	11/34	32,4%	0,132

Fonte: elaborada pelos autores.

A variável escolaridade, apontada como um fator de extrema relevância no processo de variação e mudança, tem sido objeto de investigações em diversos estudos variacionistas. Os anos de escolarização vêm provocando mudanças na escrita e na fala das pessoas, conforme Votre (2003, p. 51). Ainda, segundo esse autor, a forma padrão, de maior prestígio social, ocorre mais entre falantes que ocupam posições elevadas na escala social, principalmente em contextos mais formais, já a forma não-padrão, estigmatizada e de menor prestígio social, tende a provocar reações negativas na maioria dos usuários de uma língua. Para Votre (1994), “a forma estigmatizada tende a despertar uma reação negativa na maioria dos usuários da língua, é objeto de crítica aberta por parte dos usuários das formas prestigiadas [...]” (VOTRE, 1994, p. 64). Oliveira e Silva e Paiva (1996), a respeito dos falantes com maior número de anos de escolarização, constataram que eles tendem a privilegiar mudanças que estabelecem formas socialmente aceitas e desfavorecem as formas que se impõem à forma padrão.

Para este estudo, defendemos que o verbo *botar*, forma não padrão, é o de menor prestígio social, por isso mesmo estigmatizado, enquanto seu concorrente *colocar* é a forma padrão e de maior prestígio social.

Observando o comportamento da variável anos de escolarização na fala popular do fortalezense, verificamos que os resultados indicam que um maior tempo na escolar é fator determinante para o não uso da forma de menor prestígio social, *botar*, e, ainda, não foram os falantes com menos tempo de escolarização que mais favoreceram o verbo *botar*, e sim, os com escolaridade entre 5 e 8 anos, escolaridade mediana no NORPOFOR.

Os dados estatísticos revelam que entre os três níveis de escolarização controlados pelo NORPOFOR, o maior aliado da forma não padrão foi o *fator B*, 5 a 8 anos de escolarização, com um PR de 0,862, seguido dos menos escolarizados, *fator A*, 0 a 4 anos de escolarização, com PR 0,524, que favorece, levemente, a regra variável. Quanto aos mais escolarizados, *fator C*, 9 a 11 anos de escolarização, estes comportam-se como os grandes inibidores da regra variável, com um PR 0,132.

Os resultados estatísticos apresentados corroboram a hipótese de que os menos escolarizados são aliados do verbo *botar*, pois podemos perceber que os mais escolarizados pertencem ao grupo inibidor do verbo *botar*, enquanto os menos escolarizados, 0 a 4 anos, favorecem esse verbo, mesmo que de maneira tímida.

Quanto aos trabalhos resenhados nesta pesquisa, apenas o trabalho de Lavor e Araújo (2019) selecionou a variável escolaridade como relevante para o uso do verbo *botar*. Nesse trabalho, o programa apontou que as pessoas mais escolarizadas, 8 a 11 anos, (PR 0,358), inibem o verbo *botar*. Já a *escolaridade* intermediária, *fator B* (PR 0,590), beneficia, preponderantemente, o uso da regra aplicada, seguida da menor *escolaridade*, *fator A* (PR 0,514), que apresenta apenas um discreto favorecimento. Esses resultados muito se assemelham aos apresentados nesta pesquisa.

A seguir, apresentamos os resultados para a segunda variável favorecedora do verbo *botar*, a variável *faixa etária*.

Tabela 2 – Atuação da variável *faixa etária* para o verbo *botar*

Fatores	Aplicação / Total	%	PR
I (15 a 25 anos)	18/25	72,0%	0,402
II (26 a 49 anos)	21/41	40,2%	0,193
III (a partir de 50 anos)	33/36	91,7%	0,870

Fonte: elaborada pelos autores.

O controle dessa variável social é de suma importância para os estudos variacionistas, pois, a partir dela, podemos apontar dois direcionamentos aplicados ao fenômeno: um, é a relação de estabilidade do fenômeno, a variação estável, o outro, a existência de mudanças em curso.

Tarallo (1990) defende que, em uma variação estável, cada variante em concorrência apresenta grupos de fatores condicionadores, linguísticos ou extralinguísticos, que duelam com seu concorrente. Já em uma mudança em progresso, ocorre a sobreposição da variante inovadora entre os jovens, diminuindo essa frequência à medida que a faixa etária do falante aumenta.

Ainda, Naro (1994) sugere a presença de um padrão curvilíneo em que os grupos extremos, jovens e idosos, apresentam comportamento semelhante, se diferenciando dos falantes de meia idade. Além da questão de estabilidade, Freitag (2005) lembra que “a faixa etária é uma variável extremamente complexa, pois a ela estão relacionados outros aspectos sociais, tais como rede de relações sociais, mercado de trabalho e escolarização” (FREITAG, 2005, p. 106).

Os resultados estatísticos, oferecidos pelo GoldVarb X, demonstram que os mais velhos são os únicos a favorecerem o uso do *botar*. Como mostra a Tabela 2, os mais velhos, a *faixa etária III*, com PR 0,870, favorecem a aplicação da regra, enquanto os mais jovens, *faixa etária I*, PR 0,402, a inibem. Já a meia idade, *faixa etária II*, com PR 0,193, comportou-se como o grande antagonista do verbo *botar*. Esses resultados estatísticos corroboram, totalmente, a hipótese inicial de que os mais velhos são aliados do verbo *botar*, pois, como podemos visualizar, entre as três faixas etárias, apenas os mais velhos se comportaram como aliados do verbo *botar*.

Tais resultados nos permitem supor que a *faixa etária II* privilegia a forma padrão, de maior prestígio social, justificado em razão de esse grupo etário estar exercendo plenamente seu potencial produtivo no mercado de trabalho, lugar marcado pela competitividade, o que os levam a se distanciar das formas não padrão e de menor valor social.

Quanto aos mais velhos, os maiores aliados da regra variável, esses se encontram em um lugar mais confortável nesse universo competitivo gerado pelo capitalismo, pois esse grupo etário já está estabilizado ou prestes a se aposentar, situações que levam os indivíduos a relaxarem mais, permitindo-se usar formas de menor prestígio social, como o caso do *botar*. Já os mais jovens, a quem muitas pesquisas atribuem o uso das variantes de menos prestígio social ou às formas inovadoras, não se comportaram dessa maneira nesta pesquisa, talvez pelo fato de esse grupo, 26 a 49 anos, estar entrando no mercado de trabalho ou devido aos anos de escolarização. Esses resultados nos levam a asseverar que a variação entre *botar* e *colocar* trata-se de um caso de variação estável e, com isso, a hipótese de variação estável se confirma.

Dos trabalhos resenhados, Lavor e Araújo (2019) selecionaram a variável *faixa etária* como aliada da regra variável, apresentando a *faixa etária III* como grande favorecedora do verbo *botar*, seguida da *faixa etária II*, que favorece discretamente. A *faixa etária I*, os mais jovens, se comportou como inibidora da regra variável.

A pesquisa de Lavor, Araújo e Viana (2020) também selecionou essa variável como aliada do verbo *botar*, apresentando a *faixa etária II* como a grande aliada da regra variável; já as demais *faixas etárias*, *I* e *II*, comportaram-se como inibidoras da regra.

O trabalho de Araújo, Lavor e Pereira (2020) não apresentou a variável em questão como selecionada em seu estudo.

A próxima tabela apresenta os resultados para o terceiro grupo de fatores selecionado como favorecedor do verbo *botar*: o *tópico discursivo*. Variável que tem se mostrado de extrema relevância nos estudos sobre a variação dos verbos analisados.

Tabela 3 – Atuação da variável *tópico discursivo* para o verbo *botar*

Fatores	Aplicação / Total	%	PR
Vida escolar	9/11	81,8%	0,673
Trabalho	7/26	26,9%	0,573
Recordações	34/37	91,9%	0,519
Política Nacional / Local	1/2	50,0%	0,465

Fonte: elaborada pelos autores.

A Tabela 3, sem os fatores *outro* e *cotidiano*, eliminados em virtude dos nocautes, demonstra que, para a variável *tópico discursivo*, os fatores *vida escolar*, *trabalho* e *recordações* são os favorecedores do verbo *botar*, nessa ordem de importância. O programa revelou que o fator que favorece, preponderantemente, o uso do verbo *botar* é o fator *vida escolar* (PR 0,673), acompanhado do fator *trabalho* (PR 0,573). Já o fator *recordações* (PR 0,519) apresenta apenas um leve favorecimento no emprego de *botar*, ao passo que o fator *Política nacional/local* (PR 0,465) desfavorece o uso desse verbo.

Esses resultados estatísticos confirmam, parcialmente, a hipótese inicial de que, dentre os tópicos discursivos, o fator *trabalho* inibe o uso do verbo *botar*, ao contrário do fator *recordações*, que favorece o seu uso, pois, como podemos visualizar, na Tabela 3, o fator *trabalho* não inibe o uso do *botar*, pelo contrário, ele o favorece; já o fator *recordações* confirma a hipótese, uma vez que, na amostra analisada, esse fator favorece a aplicação da regra variável.

Vejamos os excertos 09, 10 e 11, extraídos de nossa amostra, onde apresentamos os fatores *vida escolar*, *trabalho* e *recordações*, respectivamente.

- (09) ... aquelas barreiras que eu enfrentei que faltou um pouquinho de de estudo... se EU tivesse estudado... eu tinha me ligado, que ia aumentando a tecnologia, né? Aumentando que quando tem emprego, a tecnologia era deste tamanho... ela foi crescendo... foi crescendo... foi atrás de por mais estudo... põe mais estudo, põe mais estudo... aí eu já tava com vinte e tanto... aí rapaz... tá bom... () botaro vocês em colégio, etc... aqueles que quiserem... que num quiserem... (DID, INQ. 91, NORPOFOR).
- (10) ... se eu montasse assim um negócio meu assim pra mim tomar conta... que eu já cheguei a botar com sócio... mas ia tudo bem... mas negócio de sócio não quero mais nunquinha... (DID, INQ. 65, NORPOFOR).
- (11) ... daquele jovem que morreu na Inglaterra né aquele pessoal fizeram uma:: na cidade dele fizeram uma:: proclamação de uma assim de um patriotismo grande tão grande botaram bandeira do Brasil cantaram o hino nacional fizeram aquele ali era um momento deles o que? tá questionando porque que aquele jovem morreu morreu por que? ... (DID, INQ. 105, NORPOFOR).

O excerto 09 revela a fala de um informante com *faixa etária III*, acima de 50 anos, *escolarização B*, usando o verbo *botar* com sentido de *matricular* alguém na escola, falando de sua *vida escolar*. O excerto 10 também apresenta a fala de um informante da *faixa etária III* e *escolarização B*, usando o verbo com o sentido de *montar empresa*, falando do *trabalho*, já o excerto 11 mostra a fala de um informante da *faixa etária II*, e *escolarização C*, usando o verbo *botar* com sentido de *pendurar ou prender* a bandeira, falando de suas *recordações*.

Esses resultados estatísticos nos fazem arriscar que o informante com *faixa etária* acima de 50 anos e *escolarização* entre 5 e 8 anos, quando está falando sobre sua vida escolar ou a de alguma outra pessoa, prefere o uso do verbo *botar* em detrimento de *colocar*, assim como, ao falar sobre assuntos do *trabalho e recordações*.

A seguir, apresentamos a última variável aliada do verbo *botar* e, em seguida, da variável *sexo*.

Tabela 4 – Atuação da variável *papel do falante* para o verbo *botar*

Fatores	Aplicação / total	%	PR
Agente	26/34	76,5%	0,611
Experienciador	34/56	60,7%	0,432

Fonte: elaborada pelos autores.

A variável *papel do falante* foi a última selecionada pelo programa GoldVarb X como favorecedora do verbo *botar*. Como demonstra a Tabela 4, apenas os fatores *agente* e *experienciador* foram selecionados pelo programa, os demais fatores, *paciente* e *beneficiário*, não foram selecionados como relevantes para o uso do verbo sob análise.

Entre os dois fatores selecionados, apenas o fator *agente* (PR 0,611) se comporta como aliado do verbo *botar*, enquanto o fator *experienciador* (PR 0,432) se apresenta como inibidor da regra. Esses resultados nos permitem concluir, retomando a hipótese de que “quando o falante está no papel de *agente* e *beneficiário* da ação verbal ele privilegia o verbo *botar*, ao passo que quando ele se encontra como *experienciador* e *paciente* ele inibe o uso desse verbo”, que essa hipótese foi confirmada em parte, uma vez que os resultados apresentados confirmam que, enquanto *experienciador* da ação verbal, ele privilegia o verbo, contrapondo-se à hipótese inicial e, como *paciente* e *beneficiário* da ação verbal, não podemos afirmar que esses fatores inibam ou privilegiem a variante *botar*, pois não foram selecionados pelo programa. Vejamos como se dá a ocorrência desse grupo de fatores na fala, a partir dos excertos 12 e 13.

Os excertos 12, 13 e 14 apresentam informantes de nossa amostra com *faixa etária III*, *escolarização B*, no tópico *vida escolar*, usando o verbo no sentido de *acomodar*, *matricular* e *denunciar*, e como *agente da ação do verbo* (12 e 14) e como *experienciador da ação do verbo* (13).

- (12). .. ela ficou muito abalada peguei lá um dinheirinho (lá do Bom Sucesso)... e *botei* esses meus meninos pra ficarem dormindo na minha mãe porque () na min/na minha irmã porque era tudo pertinho né?... (DID, INQ. 130, NORPOFOR).
- (13) ... tá repetindo a quinta... ela tava na quinta tá repetindo a quinta... só que ela estava na sexta... só que *botaram* ela pra quint/ pra quinta série né? aí pronto... aí ela tá... tá estudando... (DID, INQ. 90, NORPOFOR).
- (14) ... prometi pro pai deles olha eu vou fazer dos seus filhos homens né? eu não vou botar tu na justiça porque tu sabe das tuas das tuas né? Obrigações...(DID, INQ.130, NORPOFOR).

A seguir, apresentamos as considerações finais desta pesquisa.

Considerações finais

Esta pesquisa, em tempo aparente, com dados da fala popular do fortalezense, apresentou resultados estatísticos que nos levam a asseverar que o verbo *botar* é o mais usado na comunidade estudada e que são as mulheres que usam mais frequentemente esse verbo. De uma maneira geral, são as pessoas com mais de 50 anos e com tempo de escolarização inferior a 11 anos, os maiores beneficiários do verbo, apresentado como de menor valor social ou menos prestigiado. Entre os *tópicos discursivos*, percebemos que os entrevistados, quando falam sobre a vida escolar, o trabalho e das suas recordações, beneficiam o uso de *botar*.

Entre as hipóteses iniciais, foi confirmado que o verbo *botar* é o mais produtivo na comunidade pesquisada; que a variação entre *botar* e *colocar* não representa um caso de mudança linguística, mas, sim, uma variação estável. Confirmamos, também, que o grupo constituído pelas pessoas mais velhas é um grande aliado do verbo *botar* e que a quantidade de tempo de estudo pode implicar no uso desse verbo. Além disso, a hipótese de que “quando o falante está no papel de agente ou beneficiário da ação verbal ele privilegia o verbo *botar*, e quando ele é *paciente* ou *Experienciador*, o verbo *botar* é inibido”, foi confirmada, apenas em dois dos quatro fatores controlados.

Ainda, a partir dos resultados apresentados, podemos asseverar que as hipóteses de que os homens favorecem *botar*, ao contrário das mulheres, que o inibem, não foi nem refutada, nem confirmada, pois essa variável não foi selecionada pelo GoldVarb X, mas, usando apenas resultados de frequência, podemos afirmar que as mulheres usam mais frequentemente o verbo *botar* na amostra analisada.

Em conclusão, e ancorados nos estudos de Labov, tendemos a uma perspectiva de que esse fenômeno carece de pesquisas mais consistentes, que levem em consideração as crenças e atitudes linguísticas dos falantes, tipo de estudo que exige tempo. Enquanto esse tipo de estudo não se concretiza, acreditamos que precisamos de mais pesquisas, em diferentes bancos de dados e localidades, para atendermos a uma necessidade de se criar um perfil do falante, quanto ao uso do verbo *botar* e *colocar*, no PB.

Referências

AGUILERA, V. A. de.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não respostas de informantes das capitais. **Signum**: estudos linguísticos. Londrina, n. 11/2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/3040/2583. Acesso em: 17 jul. 2017.

ARAÚJO, A. A. de. O projeto norma oral do português popular de Fortaleza- NORPOFOR. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOSOFIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Cadernos do [...]**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011, v.15, n. 5, t. 1. p. 835-845. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/72.pdf. Acesso em: 10 de jul. 2020.

ARAÚJO, J. G. G. **As construções com o verbo botar**: aspectos relativos à gramaticalização. 2011. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8850/1/2010_dis_jggaraujo.pdf. Acesso em: 18 jul. 2017.

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. (org.). **Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-Ce**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

ARAÚJO, A. A. de; LAVOR, C. M. A. de; PEREIRA, M. L. de S. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, p. 65-83, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/31940>. Acesso em: 20 fev. 2021.

BARRETO, K. H.; OLIVEIRA, N. F.; LACERDA, P. F. A. A variação dos verbos colocar e botar na modalidade oral. **Via Litterae**: Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 4, n. 1, jan./jun., 2012. Disponível em: www.unucseh.ueg.br/vialitterae. Acesso em: 1º jul. dez. 2021.

BATORÉO, H. J.; CASADINHO, M. Botar as mãos na massa? Estudo Cognitivo da produtividade lexical do verbo ‘botar’ no PE e PB”. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2., 2009, Évora. **Anais Eletrônicos [...]**, Évora, PT: Universidade de Évora, 2009. p. 37-55. Disponível em: <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slg4/04.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2021.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna**: a Sociolinguística em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2004.

CARMO, D. L.; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos *botar* e *colocar* no falar culto de Fortaleza: uma fotografia Sociolinguística. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6. n. 16, p. 282-297, jul. 2015. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/edicoes/21/18112015102622.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CHAVES, M de F. F. **Campo semântico e usos dos verbos colocar, botar e pôr no português do Brasil**: uma contribuição ao ensino de PL2E. 2014. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Especialização de Formação de Professores de Português para Estrangeiros) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29145/29145.PDF>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; SOUZA, C. M. N. de; MAY, G. H. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

FARACO, C. A.; ZILLES, A. M. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002.

FREITAG, R. M. Ko. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-121, 2005. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/875/740>. Acesso em: 25 jul. 2021.

GALEMBECK, P. de T. O tópico discursivo: procedimentos de expansão. In: PRETI, D. (org.). **Diálogos na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2005. p. 277-99. vol. 7.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAVOR, C. M. A. de. **Uma fotografia sociolinguística da variação dos verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE**. 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: http://www.uece.br/posla/dmdocuments/DISSERTA%C3%87%C3%83O_CASSIO%20MURILIO%20ALVES%20DE%20LAVOR.pdf. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos botar e colocar no falar de Fortaleza-CE na perspectiva variacionista. **Intersecções**, Jundiaí, v. 27, ano 12, n. 1, p. 320-336, maio. 2019. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaIntersecoes/article/view/1400>. Acesso em: 20 fev. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. Botar o filho pela boca! Os verbos *botar* e *colocar* no falar de Fortaleza-CE sob o viés variacionista. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. 44, p. 01-20, ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/49111/0>. Acesso em: 15 ago. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M. Uma fotografia sociolinguística dos verbos *botar*, *colocar* e *pôr* em Alagoas, Ceará e Piauí a partir de dados do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 25, n. 37, p. 171-310, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/viewFile/6111/pdf>. Acesso em: 14 jul. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; VIANA, R. B. de M.; ARAÚJO, A. A. de. A variação dos verbos botar e colocar no Ceará em amostra do Atlas Linguístico do Brasil. **Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n. 43, p. 01 – 357, jul./set., 2019. Disponível em: file:///C:/Users/MURILO/Downloads/7999-32579-1-PB%20(7).pdf. Acesso em: 27 fev. 2020.

LAVOR, C. M. A. de; VIEIRA, V. da S.; ARAÚJO, A. A. de. Os verbos botar e colocar em Salvador e Porto Alegre: um estudo variacionista nos dados do Atlas Linguístico do Brasil. **Miguilim**, Crato, v. 8, n. 3, p. 493-511, set./dez., 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/1996>. Acesso em: 01 mar. 2020.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.57-81.

LOBATO, M. **Emília no país da gramática**. São Paulo, Círculo do Livro S.A., 2008.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

OLIVEIRA E SILVA, G.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

NARO, A. J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística quantitativa: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 1994. p. 147-179.

OLIVEIRA E SILVA, G.; PAIVA, M. C. A. de. Visão de conjuntos das variáveis sociais. In: SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, 1996.

ORLANDI, E. P. **Língua brasileira e outras histórias: discurso sobre a língua e ensino no Brasil**. Campinas: RG, 2009.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 jun. 2017.

SCHERRE, M. M. P. Padrões Sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. **Tabuleiro da Letras**, Bahia, n. 4, p. 117-149, 2012.

TAGLIAMONTE, S. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

VOTRE, S. J. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos Didáticos, FL/UFRJ, 1994.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p. 51-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.